

A LITERATURA DE CORDEL NA EJA: UM DIÁLOGO COM DIFERENTES PRÁTICAS DE LETRAMENTO

Sílvia Gomes de Santana ¹

RESUMO: Discute a importância da poesia cordelista no letramento de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), especialmente adultos e idosos. O objetivo deste estudo é analisar exemplos de cordéis na perspectiva desse letramento específico. Serão estudadas as ideias de Soares, Cosson, Zumthor, Ferreira, Freire, entre outros, no sentido de se definir o cordel, manifestação literária e cultural marginalizada por décadas e ligada a segmentos sociais desprivilegiados, como instrumento eficiente de letramento.

Palavras-chave: Letramento. EJA. Cordel.

ABSTRACT: This text discusses the Cordel poetry importance in the literacy of EJA students, especially adults and seniors. The objective of this study is to analyze examples of this kind of literature - Cordel - in the perspective of this specific literacy. Ideas of Soares, Cosson, Zumthor, Ferreira and Freire, among others, will be discussed in order to define “Cordel”, literary and cultural manifestation marginalized for decades and related to underprivileged social segments, such as efficient instrument of literacy.

Keywords: Literacy. EJA. Cordel.

1 Introdução

A Literatura de Cordel ganhou novos espaços no contexto acadêmico e escolar, a partir do século XX, entretanto ainda é abordada de forma periférica e complementar. A poética de sua linguagem não é potencializada como instrumento de formação leitora, nem no ensino regular, nem na EJA, modalidade educacional cujo público traz especificidades de repertórios, as quais demandam interação com variados gêneros de textos tradicionalmente considerados populares, dentre os quais se destaca o cordel.

Assim, este artigo visa discutir a importância do trabalho com o texto literário de cordel na Educação de Jovens adultos (EJA) como instrumento de formação leitora, tendo em vista o desenvolvimento de diferentes práticas de letramento. O termo letramento será

¹ Mestranda, no Programa de Pós- Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia- UNEB- Campus II- Alagoinhas- Bahia, sob orientação da Professora Doutora Patrícia Kátia da Costa Pina; professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, ciência e Tecnologia da Bahia- IFBA. E-mail- gsantana20@yahoo..com.br.

abordado como sendo o uso da leitura e da escrita para o desenvolvimento de diferentes práticas sociais, conforme proposto por Soares (2009).

A escolha da discussão desse gênero de texto justifica-se por se tratar de um estilo literário produzido, predominantemente, pelas classes populares, trazendo à tona seus modos de vida, cultura, história, enfim, refletindo o cotidiano do “povo”. Portanto, considerando-se que a educação de jovens e adultos caracteriza-se por abrigar um público pertencente às classes populares, entende-se que discutir literatura de cordel como instrumento de formação leitora, nesse contexto, pode se constituir em um modo de potencializar essa prática. Afinal, segundo Cosson (2009, p. 17), na leitura e na escrita de um texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos.

A ideia apresentada por este autor permite entender que o texto literário ganha significação na vida do leitor, principalmente se houver correspondência com a sua realidade, com o seu universo social, histórico e cultural.

Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado que investiga o uso da literatura de cordel na EJA como instrumento de leitura e letramento. A escolha do objeto em voga é resultante de diversas inquietações que me acompanharam durante a trajetória docente, na disciplina língua portuguesa, da Educação de Jovens e Adultos, das Redes Estadual e Municipal de Salvador-Bahia.

Durante o desenvolvimento de um dos trabalhos de leitura e produção de textos, na Educação de Jovens e Adultos, do Colégio Estadual Professor José Barreto – localizado num bairro periférico de Salvador- Bahia –, os educandos foram colocados em contato com textos de cordel de vários poetas populares e, concomitantemente, desafiados a produzir textos desse gênero de modo a dialogar com cenas do cotidiano.

Na realização deste trabalho, pode-se perceber o interesse dos discentes por essa literatura. Era interessante observar como aquele texto os provocava, mobilizando-os no desenvolvimento de uma escrita de si. Os estudantes discorreram sobre suas vidas, suas experiências profissionais, sobre como se sentiam na cidade, no bairro onde vivem, sobre seu papel na comunidade; muitas alunas escreveram sobre suas experiências como mães, tudo isso de maneira prazerosa, autoral e sem os entraves que o não domínio da norma padrão costumava imputar-lhes.

Essa experiência incorreu em alguns questionamentos aos quais esse trabalho se propõe a responder: Que literatura é essa? O cordel é mesmo literatura? Por que os educandos da EJA demonstraram interesse por esse tipo literário? Será que pelo fato de estabelecer relações com seus modos de vida ou modos culturais? Que modos são esses? Em que medida a escola favorece a interação com esses modos de vida? O cordel é um instrumento de leitura e letramento? Como a escola tem abordado essa literatura?

Assim, a discussão sobre literatura de cordel como produção literária das classes populares será ancorada nas ideias de Curram (1990), Bernd e Migozzi (1995), Eagleton (1997), Ong (1998), Campos (1977), Zumthor (2000) e Ferreira (2012). Já para a abordagem sobre leitura e letramento na EJA serão mobilizadas as ideias de Cosson (2009), Rojo (2005), Soares (2009) e Freire (1996).

2 A literatura de Cordel e sua abordagem

A poesia de cordel é considerada literatura popular produzida pelo povo e difundida para o próprio povo, funcionando como um dos maiores meios de comunicabilidade popular, o qual possibilita a todos, numa prática de letramentos, participarem da atuação poética através do código linguístico oral.

Na escrita de cordel, as pessoas que não sabiam ler tinham apenas a memória como único instrumento para ordenar as mensagens poéticas, sendo necessária toda uma organização e atenção na observação da formação dos versos. Dizer que a literatura de cordel faz parte da literatura popular é o mesmo que afirmar que ela é construída pela cultura das classes economicamente desfavorecidas, já que conforme Burke (2010), em discussão sobre o que seria a cultura popular:

No final do século XVII e início do século XIX, quando a cultura popular tradicional estava justamente começando a desaparecer, o ‘povo’ (o folk) se converteu num tema de interesse para os intelectuais europeus. Os artesãos e camponeses decerto ficaram surpresos ao verem suas casas invadidas por homens e mulheres com roupas e pronúncias de classe média que insistiam para que cantassem canções tradicionais ou contassem velhas histórias. (BURKE, 2010, p. 26)

Este autor, além de possibilitar o pensar que cultura popular é aquela produzida pelas classes não abastadas, mobiliza as ideias de Herder afirmando que a poesia popular, produzida

pelos sujeitos dessas classes sociais, se tornou patrimônio comum de toda a humanidade, já que circula oralmente, é acompanhada de música e desempenha funções práticas.

Ferreira (2012), ensaísta e pesquisadora sobre oralidade, conto popular e literatura de cordel, afirma que o cordel é a voz impressa. Voz que traz marcas culturais, de modos de vida, história, linguagem, enfim, de um corpo social, de uma performance.

Em relatos sobre pesquisa realizada no estado de São Paulo, a qual visou observar as cantorias produzidas por cantadores nordestinos nas praças e bares de bairros populares, Ferreira afirma que muitos desses nordestinos, que foram a esse grande centro industrial em busca de emprego, exerciam funções de porteiro de prédio em bairros nobres da cidade, como os cantadores João Quindungues e Sebastião Marinho. Eles trabalhavam o dia inteiro e, no final do expediente, se reuniam nas periferias da cidade para realizar suas cantorias. Eram interessantes esses momentos, pois atraíam uma grande quantidade de nordestinos, os quais ouviam as canções, bem como interagiam com os cantadores, dando-lhes o mote, nome dado ao assunto do qual partia a cantiga, para que os mestres cantadores desenvolvessem a glosa, com toda criatividade que lhes era peculiar. Diante dessas observações, a autora considera essas cantorias – que, quando impressas, são chamadas de literatura de cordel – funcionam como modos de manutenção cultural, linguística e identitária de um povo; um modo de assentamento com os seus, isto é, com os que entendem a sua linguagem. (FERREIRA, 2012).

A análise dessas ideias permite entender que essa literatura pode provocar um envolvimento entre os sujeitos aprendizes, sobretudo da EJA, e a leitura literária, justamente por manter um diálogo – marcado pelo envolvimento do corpo, da voz, de uma performance – com os modos de vida destes educandos, que também pertencem às classes populares.

Nesse sentido, Zumthor (2000, p. 28) ratifica que a voz, presente na literatura de cordel, com toda a sua poética, possibilita um envolvimento corporal do leitor de literatura, trazendo a presença de um corpo vivo para a recepção do texto literário. A voz, para este autor, representa o corpo de modo pleno, o que traz realidades e valores envolvidos de forma igual no processo de leitura literária.

Zumthor (2000) continua a defender esta proposição narrando com certo saudosismo momentos de sua infância parisiense. Ele relata que nas idas e vindas entre o subúrbio, onde habitavam seus pais, e o colégio do nono distrito no qual estudava, no começo dos anos 1930,

as ruas de Paris eram animadas por cantadores de rua, os quais ele adorava ouvir. Já possuía, inclusive, alguns cantos preferidos, como *A Rua do Faubourg Montmartre e a rua Saint-Denis*, seu bairro de estudante pobre. O que o atraía, bem como às pessoas que o acompanhavam, era o espetáculo, o qual o prendia, apesar da hora do trem que avançava e o fazia correr em seguida até a estação do norte.

Havia o homem, camelô, sua parlapatice, porque ele vendia as canções, apregoava e passava o chapéu; as folhas volantes em bagunça, num guarda-chuva emborcado na beira da calçada. Havia o grupo, o riso das meninas, sobretudo no fim da tarde, na hora em que as vendedoras saíam de suas lojas, a rua em volta, os barulhos do mundo [...]. Mais ou menos tudo isso fazia parte da canção. Era a canção. [...] O que eu tinha então percebido, sem ter a possibilidade intelectual de analisar, era, no sentido pleno da palavra, uma forma: não fixa, nem estável, uma forma força, um dinamismo formalizado [...]. (ZUMTHOR, 2000, p. 29)

As reflexões apresentadas por este autor favorecem a uma resposta, talvez de caráter axiomático, em relação ao porquê de os estudantes da EJA demonstrarem familiaridade com a leitura de cordéis. É esse dinamismo, esta força criativa, aos quais o autor se refere, que fazem do cordel um forte instrumento de leitura e letramento na EJA. A leitura do texto impresso só pode acontecer de modo significativo, se houver correspondência com o universo social, cultural e histórico do educando. Por isso, Zumthor (2000) se propõe a dialogar com diversas áreas das ciências humanas para tratar das poéticas da voz.

Destarte, as discussões apresentadas por Ferreira (2012), Zumthor (2000), bem como por outros autores contribuem sobremaneira com uma abordagem afirmativa concernente ao ensino de literatura de cordel, mormente na Educação de Jovens e Adultos. Todavia, apesar de todo o esforço dedicado às discussões sobre as poéticas orais, elas continuam a ser abordadas de forma periférica e complementar.

Sobre esse aspecto, Rojo (2005), em *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*, apresenta resultados de análises de 140 livros didáticos do Programa Nacional do livro didático – PNLD/ 2002. Os itens observados na referida pesquisa foram: seleção de gêneros de textos, diversidade de contextos (regionais e culturais) de origem dos textos, bem como a diversidade das variantes linguísticas. Segundo a autora, a qualidade dos textos selecionados pelos autores e editores para compor os livros é bastante relevante: são textos autênticos, diversificados quanto à esfera de circulação e gêneros, representativos quanto à autoria, quando é o caso; adequados ao alunado. Contudo, a diversidade de contextos

(culturais e regionais) de origem dos textos e a diversidade e variedades linguísticas não se encontram tão bem representadas nos textos selecionados, sendo mínima a incidência de textos da tradição oral (25%), o que deixa clara a preferência por textos representativos da variedade padrão, norma culta que circulam em contextos urbanos.

A autora destaca que uma quantidade reduzida de livros didáticos 11% reconhece os gêneros orais como um objeto a ser ensinado, o que a faz pensar que a linguagem oral como objeto de ensino, como querem os PCNs, está longe da realidade dos livros didáticos (23%).

O problema de pesquisa levantado por Rojo é notório no cenário escolar. Na EJA, por exemplo, quase sempre, quando se inicia um trabalho com o texto de cordel é meramente com o propósito de falar de variedades linguísticas de menor prestígio social ou de reforçar estereótipos relacionados aos produtores dessa poética. Ademais, essa literatura quase não faz parte dos planos de curso da disciplina língua portuguesa nas escolas, sendo utilizada apenas em eventos escolares, de modo ocasional, digredindo-se, portanto, de uma abordagem que possibilite ao educando a interação com esse texto. Além disso, não há uma discussão sobre as condições de produção dessa escrita, os modos sociais e culturais envolvidos nela, explorando, assim, as potencialidades poéticas desse texto.

Desse modo, vale salientar que uma escola que abriga estudantes das classes populares, sobretudo da classe trabalhadora, precisa aproximar o ensino das vivências dos alunos, o que pode tornar a aprendizagem significativa. Estabelecer relações entre a aprendizagem e a experiência de vida dos alunos nada mais é do que permitir o diálogo com suas culturas, com suas práticas de letramento.

3 A Literatura de Cordel como instrumento de letramento

O termo letramento, que traduz os usos da leitura e produção de textos em diferentes situações sociais – conforme defendido por Cosson (2009) e Soares (2009) – surge em oposição a um ensino de leitura e escrita que considera o texto como algo separado do universo social, histórico e cultural dos educandos. Trata-se de uma proposta a qual permite compreender que, no intuito de atender às necessidades sociocomunicativas do seu dia a dia, o educando lê e produz textos muito antes de frequentar a escola, Bakhtin (1977). Nesse sentido, um entendimento das poéticas orais como textos literários produzidos a partir de

diferentes práticas de letramento, desenvolvidas por sujeitos das classes populares, pode torná-las um instrumento eficiente de leitura e produção textual na EJA.

O texto de cordel, como já discutido, é produzido por poetas populares que, na maioria das vezes, não tiveram acesso ao conhecimento acadêmico ou escolar, mas utilizam o texto como modo de externar ideias, de falar de si, de seus modos de vida, de denunciar fatos do cotidiano, marcar suas identidades, culturas, enfim, de ler o mundo.

Cosson (2009, p. 11) afirma que em uma sociedade essencialmente letrada como a nossa, mesmo um analfabeto tem participação, ainda que de modo precário, em algum processo de letramento. Esse entendimento fortalece a percepção de que, no ensino de leitura, faz-se necessário considerar todos os letramentos desenvolvidos pelos sujeitos em outros espaços sociais.

Os poetas cantadores, por exemplo, embora, na maioria das vezes, não tenham desenvolvido letramentos ligados aos contextos acadêmicos e escolares, fazem usos da leitura de modo que utilizam o texto como prática sociocomunicativa. Essa ideia revela que a aprendizagem de leitura e produção de textos está além dos muros escolares, fato que, se reconhecido, pode oportunizar uma significação ao ensino de leitura.

Nesse sentido, a proposta traçada por Soares (2009), bem como por outros que com ela dialogam, põe em questão a própria noção de texto e de literariedade dos textos, já que as práticas de letramento imbricadas no processo de construção das poéticas trazem marcas do envolvimento de um corpo vivo, de uma poética, de um devir, de uma performance literária, como já apresentado por Zumthor (2000).

Abreu (2006, p. 37) expõe que em quase todas as ocasiões em que o povo se juntava apareciam poetas dispostos a contar histórias em versos ou a duelar com outro poeta em uma peleja. Cenas como essas permitem o reconhecimento do caráter artístico dessas poéticas, de maneira a construir um discurso afirmativo sobre elas. Assim, essa autora prossegue questionando se são ou não literatura - envolvida em práticas letramento - versos como estes compostos pelos cantadores como Zé Pretinho e Cego Aderaldo em uma peleja ocorrida no início do século XX:

Zé Pretinho:
Eu vou mudar de toada
Para uma que mete medo
Nunca encontrei cantor
Que desmanchasse esse enredo:

É um dedo, é um dado, é um dia,
É um dia, é um dado, é um dedo.
Cego Aderaldo:
Zé Preto, esse teu enredo
Te s e r v e d e z o m b a r i a
Tu hoje cegas de raiva
O diabo será teu guia
É um dia, é um dado, é um dedo,
É um dedo, é um dado, é um dia.
Zé Pretinho:
Cego, respondeste bem
Como se tivesse estudado
Eu também de minha parte
Canto verso aprumado:
É um dado, é um dedo, é um dia,
É um dia, é um dedo, é um dado. (SILVA 1962 apud ABREU, 2006, p. 37)

Com base na análise do texto supracitado, Abreu (2006) argumenta que os poetas populares fazem uso significativo da linguagem não apenas por apresentarem uma estrutura rimada, mas por estilizá-la a partir do jogo linguístico das palavras, nesse caso percebido também através do trava-língua. Assim, argumenta que:

Todo mundo sabe como é difícil pronunciar, sem tropeços, frases como essas. Os poetas as utilizam tentando fazer que seu adversário enrole a língua e não consiga continuar, situação na qual é declarado perdedor da disputa poética. Cego Aderaldo e Zé Pretinho não se contentaram em fazer estrofes terminadas em trava-línguas e complicaram ainda mais a composição, exigindo que o último verso invertesse a ordem dos termos do anterior (dedo – dado – dia / dia – dado – dedo) e alterando a ordem dos termos a cada estrofe, forçando, conseqüentemente, uma mudança da rima. (ABREU, 2006, p. 38)

Como se pode perceber, a autora reitera o caráter criativo, especializado e artístico desse texto poético, o que a faz considerá-lo como texto literário, escrito e inscrito em práticas de letramento, as quais envolvem diferentes culturas.

Nesse propósito, entende-se que “Alargar o conhecimento da própria cultura e o interesse pela cultura alheia pode ser um bom motivo para ler e para estudar literatura.” (ABREU, 2006, p. 112).

Na poesia cordelista intitulada *Bimba Espalhou Capoeira nas Praças do mundo Inteiro*, o poeta nordestino Antônio Conceição, artisticamente conhecido como Bule Bule, possibilita ao leitor um encontro com a narrativa poética da vida de Mestre Bimba, exímio capoeirista baiano que misturou capoeira e batuque como modo de afirmação dessa modalidade artística como elemento cultural de resistência e luta.

O eu poético tece elogios à figura de Bimba, utilizando metáforas como a da árvore que dá frutos; a da rocha; bem como oportuniza ao leitor o conhecimento acerca dos elementos culturais que compunham a vida desse artista, e com os quais ele parece se identificar. É possível ainda perceber, nessa poesia, o reconhecimento das diversas identidades assumidas pelo artista para atender às necessidades de seu cotidiano, representadas, como se observa na estrofe:

Ganhou a vida, com tudo
Fez carvão, cortou madeira
Foi trapicheiro e carpina
Estivador de primeira
Mas o que fez com mais classe
Só foi jogar capoeira. [...] (CONCEIÇÃO, [2009?])

A ideia de identidade, nesse caso, fundamenta-se nas discussões propostas por Hall (2002, p. 8), que refletindo sobre a complexidade do mundo moderno, compreende-a como sendo as diferentes posições assumidas pelos sujeitos sociais para atender às necessidades do mundo moderno.

Assim, compreende-se que o cordel constitui-se texto plurissignificativo e, como todo gênero literário em sua essência, potencializador de discursos que trazem à tona diferentes culturas, modos de vida e identidades.

O texto escrito por Conceição oportuniza ainda aos leitores o reconhecimento do cordel como texto literário, que tem como parte de sua essência o caráter plurissignificativo da linguagem, anunciando-o como sendo uma potência semiótica, um lugar de construção e reconstrução de sentidos.

Algo que também desperta o leitor na leitura do texto desse poeta baiano, bem como de outros poetas populares é o fato de pensar que este, mesmo não tendo acesso à educação formal, utiliza-se da poesia de cordelista para trazer à tona elementos culturais, os quais representam uma coletividade. A escrita é apresentada pelo poeta a partir de elemento do seu próprio cotidiano, bem como do cotidiano observado (lido), o que torna possível afirmar que a leitura desse gênero literário revela-o como lugar de práticas sociais, de práticas de letramento, o que se torna favorável ao ensino de leitura e escrita, sobretudo na EJA.

Além da poesia deste autor, vale destacar os textos de cordel escritos por José Gomes, conhecido como “Cuíca de Santo Amaro”. Este foi também um dos maiores cordelistas da

Bahia, o qual se utilizava do humor e da irreverência para noticiar sobre a Bahia entre 1930 e 1963. Cuíca é considerado o maior comunicador nato da Bahia, segundo Curran (1990). Era denominado por muitos de “O poeta mais temido da Bahia”. Por meio dos mais de mil cordéis que escreveu e produziu, Cuíca de Santo Amaro divulgava fatos do cotidiano, sempre presentes na história da humanidade.

Com firmeza e simplicidade, ele criticava políticos e as mazelas sociais, ao ponto de desafiar os poderosos e consagrar-se uma referência popular. Cuíca noticiava com muita irreverência as dificuldades sociais vividas pelo povo baiano: as péssimas condições de trabalho, a miséria, a corrupção, ou seja, o poeta já preconizava muitas ideias que hoje têm sido postas em questão, como se pode perceber na leitura do folheto a seguir:

Quem tem inimigos não dorme
Muita Gente tem vontade
Que a polícia me encane
Acho eu muito possível
Que esta gente se engane
Pois sempre estou mais forte
E tão firme como arame.

Continuo da defeza
De todos os meus direitos
Escrevendo os meus versos
Com toda ordem e respeito
Pois tenho a minha família
E quero tudo direito.

[...]
Aqui dentro da Bahia
A usarada é enorme
E eu já ando ciente
Quem tem inimigos não dorme.

Todo dia ando dizendo
Sou pobre mas sou direito
Leio sempre qualquer livro
Sei descobrir seu defeito.
Porque...quem é bom
Do berço já veio feito.

Vinte anos desta parte
Que eu vivo nesta luta
Escrevendo vários fatos
Com a minha pena batuta
Afirma Getúlio Vargas
E o General Gaspar Dutra.

Julgam eles com certeza
Quem me tiram do gramado

Se eles estão pensando
Estão tomando bonde errado
Porque vão terminar
É ficando avacalhado. (GOMES, 1960 apud CURRAN, 1990, 85)

As leituras dos textos de cordel apresentadas neste trabalho contribuem para se pensar em modos de possibilitar o gosto pela leitura e produção textual, que envolvam o cotidiano dos sujeitos da EJA.

Portanto, conforme já afirmado, a inserção da literatura de cordel no espaço escolar, sobretudo da EJA, é objeto de grande relevância para o ensino de leitura. Todavia é preciso deixar de tratá-la na perspectiva da folclorização, a qual reforça apenas características estereotipadas dos seus produtores, e abordá-la em sala de aula como texto literário, potencializador de leituras e tradutor de culturas, como já fora exposto.

Vale ressaltar que o ensino de cordel como instrumento eficiente de leitura talvez ainda não tenha se efetivado, pois exige a superação de uma cultura grafocêntrica, a qual é incapaz de considerar como objeto de leituras em suas amplas potencialidades os gêneros de textos oriundos da oralidade.

De acordo com Bernd e Migozzi (1995, p. 75) a expressão “literatura popular”, na qual está inserido o cordel, ainda incomoda, pois obriga a definir a própria noção de literatura dos textos. Essa ideia também é confirmada por Zumthor (2000), o qual esclarece que:

A noção de ‘literatura’ é historicamente demarcada, de pertinência limitada no espaço e no tempo: ela se refere à civilização europeia, entre os séculos XVII ou XVIII e hoje. Eu a distingo claramente da ideia de poesia, que é para mim a de uma linguagem humana, independentemente de seus modos de concretização e fundamentada nas estruturas antropológicas mais profundas. (ZUMTHOR, 2000, p. 12)

O cordel pode ser considerado instrumento de letramento, sobretudo de adultos e idosos, na medida em que põe em evidência que, antes mesmo de ir à escola as pessoas já leem e produzem textos. Nesse sentido, uma visão alargada sobre os processos de letramentos, que se desenvolvem dentro e fora do espaço escolar, diminuirá o distanciamento entre leitor-texto, valorizando, assim, o conhecimento que o estudante já traz.

4 Educação de jovens e adultos e o trabalho com a Literatura Popular

A EJA pode ser considerada uma proposta educacional cujo maior desafio é reaproximar jovens e adultos do ambiente escolar, de modo que eles desejem pertencer a este espaço. Nesse sentido, nos últimos anos, muitas pesquisas têm se dedicado a discutir estratégias de ensino que garantam a permanência dos educandos dessa modalidade de ensino em sala de aula. Isso se dá, mormente, por se reconhecer que a EJA constitui-se de uma demanda de estudantes que trazem repertórios culturais, históricos e sociais bastante peculiares, os quais obrigam a escola a pensar em outros modos de ensinar.

Inserido nessa discussão, Arroyo (2006) aponta que:

A educação de jovens e adultos – EJA tem sua história muito mais tensa do que a história da educação básica. Nela se cruzaram e cruzam interesses menos consensuais do que na educação da infância e da adolescência, sobretudo quando os jovens e adultos são trabalhadores, pobres, negros, subempregados, oprimidos, excluídos. O tema nos remete à memória das últimas quatro décadas e nos chama para o presente: a realidade dos jovens e adultos excluídos. [...] Minhas análises estão marcadas pela sensação de que não será fácil preservar esse rico legado popular em qualquer tentativa de inserir a EJA no corpo legal e tratá-la como um modo de ser do ensino fundamental e do ensino médio. Ou os ensinamentos se redefinem radicalmente ou esse legado perde sua radicalidade. (ARROYO, 2006, p. 221)

A proposição apresentada por Arroyo (2006) torna evidente a necessidade de discussão sobre o ensino de leitura para a Educação de Jovens e Adultos. Se há peculiaridades nesse público, se a maior parte dele pertence à classe trabalhadora, por exemplo, o ensino de leitura deve atender a essas demandas.

Tratando sobre a importância do ato de ler, numa pedagogia voltada para as classes populares, principalmente as que ocupam o espaço da EJA, Paulo Freire (1981) afirma que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (A palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele). (...) Se for capaz de escrever minha palavra estarei, de certa forma transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo.²

² Informação verbal, proferida na Abertura do Congresso Brasileiro de Leitura – Campinas, novembro de 1981.

A ideia apresentada por esse autor propõe entender que o ensino de leitura nas escolas não pode negligenciar que o outro é sujeito do processo de construção da leitura. Essa reflexão, inclusive, é ratificada nas propostas estabelecidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1999), as quais propõem que o ensino de língua portuguesa deve possibilitar ao educando pensar a língua como espaço de diálogo e construção de sentidos. Essa abordagem é pautada na perspectiva bakhtiniana de ensino da língua, bem como das linguísticas textual e aplicada, as quais discutem o texto como espaço de interlocução que envolve os diferentes modos de vida, peculiares a diferentes sujeitos.

A partir de todas essas peculiaridades que marcam o contexto da EJA é que se lançou a discussão sobre a relevância do trabalho com literatura de cordel nessa modalidade de ensino. Esse gênero de texto, conforme já apresentado, é caracterizado por ser produzido por sujeitos das classes populares e trabalhadora, que trazem para o texto repertórios culturais, sociais e históricos correspondentes ao universo ao qual eles pertencem.

Essas semelhanças que marcam texto e público leitor podem fazer da poesia popular um excelente potencializador do ensino de leitura nas escolas, mormente no contexto da Educação de jovens e Adultos (EJA). Campos (1977, p. 10) já observava, na década de 1970, que “levados pelo desejo de ler folhetos, muitos trabalhadores foram alfabetizados”.

Por isso, mesmo entendendo que o objetivo da proposta deste trabalho é discutir a literatura de cordel como mecanismo de formação de leitores tendo em vista diferentes práticas de letramento, torna-se importante levar em conta a ideia apresentada por Campos (1977), já que se entende que o processo de alfabetização deve envolver essas diferentes práticas de letramento, ou seja, diferentes usos sociais da leitura e da escrita.

5 Considerações finais

Diante das discussões lançadas no decorrer deste trabalho, entende-se a relevância de uma abordagem afirmativa sobre o ensino de literatura popular na EJA, visto que se trata de um modo literário que dialoga com o universo cultural, social e histórico dos sujeitos dessa modalidade educacional. Assim, a análise das poesias de poetas cordelistas tornou evidente que a leitura, bem como a produção de textos orais ou escritos, envolve diferentes necessidades e práticas sociais, as quais podem ser denominadas letramentos.

Portanto, faz-se necessário pensar em estratégias de ensino de leitura e escrita que contemplem a literatura popular, no intuito de possibilitar aos sujeitos da EJA a percepção do texto como espaço de práticas sociais, o que pode ser um caminho para o desenvolvimento de outras práticas de leitura e letramentos.

Torna-se evidente, contudo, que a discussão sobre letramento literário nessa perspectiva ainda é precária, pois obriga a escola a pensar no que vem a ser literatura, como esta se materializa, bem como a influência do sujeito nessa construção poética.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: UNESP, 2006.

ARROYO, Miguel. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. In: **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. Brasília: UNESCO: MEC, RAAAB, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. O problema dos gêneros discursivos. In: **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes. 1997.

BERND, Zilá; MIGOZZI, Jacques, org. **Fronteiras do literário: Literatura oral e popular Brasil/França**. Porto Alegre: Editora da Universidade: UFRGS, 1995.

BRASIL. Lei nº 9.394/96, 24 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Brasília, 1998.

BRASIL. Secretaria da educação fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC: SEF, 1999.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna: Europa 1500-1800**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

CAMPOS, Renato. **Ideologia dos poetas populares do Nordeste**. 2 ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1977.

CONCEIÇÃO, Antônio Ribeiro da. **Bimba Espalhou Capoeira Nas Praças do Mundo Inteiro**. Disponível em: <http://www.camacariagora.com.br/cordel.php?cod_cordel=10>. Acesso em: 04 dez. 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: contexto, 2009.

CURRAN, Mark J. **Cuíca de Santo Amaro**: poeta repórter da Bahia. Salvador: Fundação casa de Jorge Amado, 1990.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma Introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Memórias de Jerusa Pires Ferreira**: a história do cordel em São Paulo. 30 nov. 2012. Disponível em: <<http://vimeo.com/54583424>>. Acesso em: 23 nov. 2014. Entrevista disponível no site Vimeo.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita**. Tradução de Enid Abreu Dobranszky. São Paulo, Papyrus, 1998.

ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio Augusto (Org.). **Livro didático de língua portuguesa**: letramento e cultura escrita. Campinas: Mercado das letras, 2005.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

[Recebido: 15 out.14 – Aceito: 15 jan.15]